

## APRESENTAÇÃO\*

Há tempos, intelectuais como István Mészáros (2011), Wolfgang Streeck (2018) e outros têm chamado a atenção para a profunda crise sistêmica do modo de produção do Capital, caracterizada pela deterioração de seus aspectos econômicos, políticos, sociais e ambientais, que em função de uma racionalidade liberal atua para salvaguardar os mecanismos de acumulação capitalista de uma pequena parcela da população em detrimento da maior parte da humanidade.

Conforme dados de janeiro de 2023 da Oxfam (Comitê Oxford para Alívio da Fome), na última década, o 1% mais rico da população global ficou com cerca de metade de toda a riqueza produzida no mundo. E, pela primeira vez em 30 anos, a riqueza e a pobreza extremas cresceram simultaneamente.

Entre 2020 e 2022, essa fatia de 1% mais ricos do mundo ficou com quase 2/3 de toda riqueza produzida no período: aproximadamente US\$ 42 trilhões. Isso equivale, segundo a Oxfam, a seis vezes mais do que o total arrecadado por 90% da população global (7 bilhões de pessoas) no mesmo período. Cada bilionário ganhou cerca de US\$ 1,7 milhão para cada dólar obtido por uma pessoa que está entre os 90% mais pobres do mundo.

No Brasil, o 1% mais rico do país tem quase metade da riqueza da nação (48,7%), segundo o Credit Suisse (2023). Conforme os dados da instituição financeira, os 3.390 indivíduos mais ricos do Brasil (0,0016%) detêm 16% de toda a riqueza do país, mais do que 182 milhões de brasileiros (85% da população).

Consequentemente, esses níveis aviltantes de desigualdade tornam-se objetos de disputas explicativas, lutas ideológicas com sérias consequências, por isso, os seus mecanismos de produção precisam ser dissimulados, ocultados, e como nos ensinou Carlos Nelson Coutinho, em seu livro *O estruturalismo e a miséria da razão* (2010), reeditado pela Expressão Popular, em tempos de crise a cultura burguesa retoma o irracionalismo em suas variadas versões da corrente agnóstica, em outros termos,

---

\* DOI - 10.29388/978-65-6070-055-0-0-f.8-13

empobrece a Razão que associa, unifica e reforça os mitos irracionalistas, tais como: o fundamentalismo religioso, o terrorismo estatal, a xenofobia, o totalitarismo, o nacionalismo, o fascismo, a eugenia racial, social e de gênero, o anticientifismo e o anti-intelectualismo.

Tudo isso em função da manutenção de uma lógica capitalista de produção e organização social que há muito tempo vem dando sinais da sua profundidade (econômica, social, humanitária e civilizatória), e com isso, produzindo uma realidade preocupante, marcada pela fome e pela violência em várias dimensões.

É nesse contexto, que no ano de 2022, o Museu Pedagógico da Uesb, em parceria com o Histedbr, organizou e preparou a realização do XIV Colóquio Nacional e VII Colóquio Internacional do Museu Pedagógico/UESB e II Seminário Nacional e II Internacional do Histedbr/Unicamp, propositalmente, intitulados “CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E LUTAS DE CLASSES: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE RESISTÊNCIA”, realizados entre os dias 25 e 28 de outubro de 2022, em Vitória da Conquista – Bahia, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais do Brasil, que colocou para o país dois projetos bem distintos de poder, de um lado um projeto autoritário que objetivava a continuidade do aprofundamento da barbárie no Brasil, representado pelo então candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro, e do outro lado, o projeto de “frente ampla” objetivado na manutenção da democracia burguesa com suas contradições, representado pelo então candidato Luiz Inácio “Lula” da Silva.

O evento contou com ampla e rica programação abarcando atividades culturais, homenagens, conferências, mesas redondas, lançamento de livros, reuniões científicas, exposições, exibição de documentário e comunicações científicas distribuídas em 32 (trinta e dois) Colóquios Temáticos. No conjunto de atividades e análises realizadas, destacaram-se a diversidade de temas e abordagens teórico-metodológicas. Essa pluralidade temática e de posições, contudo, teve um eixo comum expresso no tema geral intitulado “Ciência, Educação e Lutas de Classes: Desafios e Perspectivas de Resistência”, objetivando refletir, problematizar e debater a situação atual da sociedade humana que, em sua maior capacidade de produção material (de produtos e serviços; científica, tecnológica, biotecnológica...), não dá conta de responder às demandas

sociais de seu tempo. O intuito foi discutir, de forma explícita, visível e propositiva, a vulnerabilidade política, econômica, científica e educacional que afeta a humanidade em suas diversas esferas, colocando no centro do debate a mundialização da crise econômica, política, ambiental e humanitária que assola a sociedade contemporânea, cuja produção e circulação mercantil de amplo alcance tecnológico contrasta com a profunda miséria que grassa o planeta, consolidando desigualdades sociais nos seus mais diversos rincões.

Assim sendo, o conjunto das reflexões e debates ocorridos nos colóquios (nacional e internacional) do Museu Pedagógico da Uesb e seminários (nacional e internacional do Histedbr) estão parcialmente representados neste livro/coletânea que reúne 20 textos que buscaram contribuir para a análise e questionamento acerca da sociedade contemporânea tal qual versado nos colóquios temáticos e nas mesas oferecidas durante o evento, que reuniu pesquisadores(as) de diversas áreas, de distintas perspectivas teórico-filosóficas e políticas, a discutir grandes questões políticas, educacionais, sociais e culturais desencadeadas nos últimos anos em todo o mundo e que têm impactado não apenas a reorganização dos Estados e dos governos, mas a própria configuração do trabalho, em geral, e a produção do conhecimento científico, em específico.

Essa obra inicia com o texto escrito por Sônia Aparecida Siquelli e Rodrigo Sarruge Molina, intitulado *José Luís Sanfelice: um intelectual da classe trabalhadora e a resistência por uma Universidade alegre*, que foi base de uma homenagem prestada ao saudoso mestre Prof. Dr. José Luís Sanfelice, que nos deixou em 2021 em decorrência de seu falecimento. Destacam os autores que Sanfelice foi “intelectual militante [que] nos deixou um grande legado de competência profissional e humana”.

Os quatro capítulos seguintes abordam temáticas no seio da crise estrutural e conjuntural que vive a humanidade em diferentes formações sociais na atualidade. José Claudinei Lombardi nos brinda com reflexões sobre a crise vigente do modo de produção capitalista, baseando-se na obra **O mundo de ponta cabeça** do historiador inglês Christopher Hill. Afirma Lombardi que é preciso inverter esse mundo de ponta cabeça, analisando as crises do modo de produção capitalista que, na atualidade, vive um processo de transição em que se vislumbra possibilidades de se

construir um outro modo de produzir a existência humana. Nessa luta, a educação deve se articular à transformação social e, para isso, ancorar-se em uma concepção pedagógica que se comprometa na formação crítica e revolucionária, tal qual a Pedagogia Histórico-crítica. Essa crise societária em curso se expressa também nas Ciências Humanas, como bem analisa Maria Ciavatta em seu texto *Crise das Ciências Humanas ou das Ciências Sociais?*. Segundo a autora, uma situação de crise significa um profundo desequilíbrio que indica mudanças estruturais em desenvolvimento e, do ponto de vista epistemológico, essa crise das Ciências representa um questionamento sobre os paradigmas explicativos da vida social. Dermeval Saviani, retomando reflexões socializadas por ele em outros momentos, atualiza-as na conjuntura atual em que está em xeque o próprio Estado Democrático de Direito e o princípio de soberania popular. Dado que a universalização da escola está intimamente ligada à formação do cidadão apto a assumir seu papel político em sociedades democráticas, estando em crise a própria democracia, a escola passa a ser alvo de ataques. Nesse contexto, conclui Saviani, “é necessária uma forte mobilização na criação de espaços autônomos de organização socioeconômica como germes da nova sociedade que queremos construir”. Dando continuidade ao debate sobre expressões históricas da crise atual do capitalismo, Juan Mainer Baqué apresenta o capítulo *Fascismo y Educación: la depuración y represión del profesorado secundario en la España Franquista como Paradigma*, em que analisa a repressão de professores como expressão de um fascismo que continua presente nas memórias individuais e coletivas. Nesse contexto, alerta o autor, é importante compreender o papel das ditaduras e fascismos históricos nos diferentes sistemas educacionais a fim de construir uma resistência ativa.

Os próximos quinze capítulos abordam temáticas múltiplas a partir de perspectivas diferenciadas, inserindo-as no escopo da temática geral do evento como pode ser percebido pelos títulos dos textos.

Assim temos Paulino José Orso que apresenta o capítulo *Sociedade, Educação e Transformação Social*. Lívia Diana Rocha Magalhães, Gilneide Padre e Marta Loula Dourado Viana que assinam, coletivamente, o texto *Trajetórias, resistência e políticas educacionais em contextos ditatoriais: temas e abordagens*. O capítulo intitulado *Memória e conflitos sociais em terras indígenas: as narrativas de violência e a resistência dos Krenak à ditadura militar no Brasil* é de

autoria de José Alves Dias e Ludimila Krenak. Na mesma temática, Larissa Lacerda Menendez aborda a *Arte indígena contemporânea e resistência: povos originários do Brasil*. Com base em um estudo historiográfico, Ana Palmira Bittencourt Casimiro, Camila Nunes Duarte Silveira e Maria Cleidiana Oliveira de Almeida escrevem sobre os *Fundamentos da educação no Brasil colonial*.

Os dois capítulos seguintes focalizam os sujeitos professores. Um deles é de autoria de Fábio Mansano de Mello, Marisa Oliveira Santos e William Kennedy do Amaral Souza com o título *Mercantilização e precarização: o trabalho docente em pauta*. No outro, Luciana Cristina Salvatti Coutinho intenta refletir sobre os *Desafios contemporâneos da formação e profissão docente*.

Em seguida, com base em um mapeamento documental inicial, Luciana Canário Mendes, Estácio Moreira da Silva e Clauber Teixeira da Silva buscam analisar o processo de implantação e expansão de escolas cívico-militares no Brasil, enfatizando o estado da Bahia.

Na sequência, observamos dois capítulos que nos brindam com reflexões densas e relevantes sobre Educação Especial: Régis Henrique dos Reis Silva é o autor do texto *As determinações históricas das tendências teórico-filosóficas da pesquisa em educação especial no Brasil* e José Geraldo Silveira Bueno assina *Políticas e pesquisa em educação especial: algumas considerações críticas*.

Os últimos cinco capítulos que compõem essa Coletânea tratam de temas que perpassam a Infância, Gênero, Imprensa e ensino de Ciências Naturais na Universidade. Apresentamos, a seguir, os títulos e os autores desses textos: *Infâncias, criança e movimentos de resistências* é de autoria de Isabel Cristina de Jesus Brandão em parceria com Ligia Maria Leão de Aquino; *Novos meios tecnológicos da comunicação, gênero e a função ideologicamente regressiva da mídia* é escrito por Rita Maria Radl Philipp; O texto intitulado *Alcoolismo feminino, memórias e representações sociais* é assinado por Luci Mara Bertoni; *História da educação e imprensa: desafios e perspectivas frente a luta de classes* é de autoria coletiva, redigido por Maria Isabel Moura Nascimento, Claudia Maria Petchak Zanlorenzi e Maria Cristina Gomes Machado; e, por fim, Héctor Santiago Odetti e Lucio Marcelo Einseinack são os autores de *Reflexiones en relación con la enseñanza de las ciencias naturales en la universidad: "nuevas formas de enseñar y aprender química"*.

Desejamos que a leitura desta Coletânea, com uma pluralidade de temas, abordagens e autores, nacionais e internacionais, que enfrentaram o desafio de socializar análises articuladas aos desafios históricos que a humanidade enfrenta na atualidade, possa inspirar trabalhadores e trabalhadoras ao engajamento na luta por uma sociedade justa, fraterna e humana, superando a condição social precária em que parte significativa das pessoas são instadas a viver na sociedade moderna.

Luci Mara Bertoni  
Luciana Cristina Salvatti Coutinho  
Régis Henrique dos Reis Silva

## Referências

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2. ed. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2010. 286 p. (Debates & Perspectivas).

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Tradução de Francisco Raul Cornejo. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Boitempo, 2011. 155 p. (Mundo do trabalho).

O 1% MAIS RICO DO MUNDO EMBOLSOU QUASE DUAS VEZES A RIQUEZA OBTIDA PELO RESTO DO MUNDO NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS. Oxfam Brasil, São Paulo, 16 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/o-1-mais-rico-do-mundo-embolsou-quase-duas-vezes-a-riqueza-obtida-pelo-resto-do-mundo-nos-ultimos-dois-anos/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

STREECK, Wolfgang. **Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático: lições Adorno em Frankfurt**, 2012. Tradução de Teresa Martinho Toldy, Marian Toldy, Luiz Felipe Osório. São Paulo, SP: Boitempo, c2018. 235 p.